



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

A luta contra o nazifascismo pelo taller de gráfica popular

Andréia Carolina Duarte Duprat, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-7103-4692>
deiaduprat@gmail.com

Resumo

Desde sua criação, em 1937, os trabalhos desenvolvidos pelo Taller de Gráfica Popular (TGP) denunciaram as atrocidades da guerra e do nazifascismo. O primeiro álbum lançado pelo TGP foi *La España de Franco* (1938), que integrava a coleção *Nuestra Lucha* e continha quinze litografias de Leopoldo Méndez, Xavier Guerrero, Luis Arenal e Raul Anguiano. A obra mais significativa contra o nazismo da qual o TGP participou se intitulou *El Libro Negro del Terror Nazi en Europa*, publicado pelo Editorial *El Libro Libre*, em 1943. Após a Segunda Guerra Mundial, o TGP colaborou com o Movimento dos Partidários da Paz. Estudar a história do TGP é de grande importância para nós devido às ligações com a História da Arte no Brasil, visto que serviu de modelo para entidades voltadas às artes gráficas de caráter social fundadas no país na década de 1950, a exemplo do Clube de Gravura de Porto Alegre.

Palavras-chave: Nazifascismo. Taller de Gráfica Popular. Realismo socialista.

Abstract

Since its creation in 1937, the works developed by the Taller de Gráfica Popular (TGP) have denounced the atrocities of war and Nazi-fascism. The first album released by TGP was *La España de Franco* (1938), which was part of the *Nuestra Lucha* collection and contained fifteen lithographs by Leopoldo Méndez, Xavier Guerrero, Luis Arenal and Raul Anguiano. The most significant work against Nazism in which TGP participated was entitled *El Libro Negro del Terror Nazi en Europa*, published by Editorial *El Libro Libre*, in 1943. After World War II, TGP collaborated with the Movement of Partisans of Peace. Studying the history of the TGP is of great importance to us due to its links with the History of Art in Brazil, since it served as a model for entities dedicated to the graphic arts of a social nature founded in the country in the 1950s, such as the Clube de Gravura de Porto Alegre.

Keywords: Nazi-fascism. Taller de Gráfica Popular. Socialist realism.

O *Taller de Gráfica Popular* (TGP) foi uma entidade mexicana voltada às artes gráficas fundada em 1937. Sua trajetória foi marcada pelo envolvimento com temas políticos e sociais de âmbito nacional e internacional. O entendimento de tal postura passa pela compreensão de sua constituição e de seus antecedentes que se inserem na história de organizações de artistas do país que surgiram após a Revolução Mexicana de 1910. Nesse trabalho, trarei uma brevíssima retrospectiva das instituições que precederam o TGP a fim de demonstrar a persistente vocação para a militância política de artistas no contexto mexicano. Em seguida, enfatizarei a produção voltada à luta contra o nazifascismo.

O ímpeto de organização e de luta de artistas mexicanos – antecedentes do TGP

É provável que a primeira entidade precedente que está ligada diretamente ao TGP foi o Sindicato de Obreros, Técnicos, Pintores y Escritores (SOTPE) idealizado por David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera, José Clemente Orozco, Xavier Guerrero, entre outros. O SOTPE tinha uma agenda político-estética indigenista, anti-burguesa e nacionalista, como pode ser verificado na sua publicação *El Machete*, na qual se evidencia a defesa dos direitos das comunidades indígenas, da classe trabalhadora urbana e rural (CAPLOW, 2007). Nas páginas do impresso, encontramos xilogravuras de Xavier Guerrero e de Siqueiros. Aliás. O interesse dos artistas pela gravura se intensificava na época, sendo a publicação do álbum *Via-crucis* de Jean Charlot um marco desse fenômeno.

A vida política era um fator de grande impacto nos rumos das entidades de artistas. É preciso assinalar que a produção artística imbuída dos ideais revolucionários priorizava a obra de arte pública, ou seja, de ampla visibilidade e fácil acesso, a exemplo dos murais. A gravura também cumpria os critérios devido à reprodutibilidade e por poder integrar diversos veículos. O importante era chegar à população e promover uma educação política.

Como mencionado, os acontecimentos sociais e políticos refletiam no campo cultural, e, no caso do México, eles eram conturbados naquelas décadas. Durante os anos 1910, a Revolução Mexicana mobilizou trabalhadores urbanos e rurais em uma luta contra a oligarquia tradicional. Em 1917 foi aprovada uma Constituição progressista que garantiria novos direitos sociais e políticos, mas nos anos 1920 ocorre uma mudança de conjuntura. Em 1924, estava na presidência Plutarco Elías Calles, que era muito mais ligada aos interesses da direita do que os revolucionários. Artistas, que eram próximos à esquerda, intensificaram sua mobilização, e alguns deles se filiaram ao Partido Comunista Mexicano (PCM), a exemplo de Rivera, Siqueiros e Guerrero. Uma das campanhas do PCM que contou com a participação de artistas foi o grupo *Manos fuera de Nicaragua*, que apoiava o General Augusto Sandino contra o governo autoritário de Díaz e Chamorro e denunciava a intervenção dos Estados Unidos no conflito em prol da ditadura. No

final da década de 1920, há também os protestos organizados pela *Liga Antimperialista de las Américas* e pela *Unión de Trabajadores de la Compañía Terminal*, de Veracruz, contra o assassinato de Julio Antonio Mella, companheiro da artista e militante Tina Modotti.

Naquele momento, a disseminação de ideologias fascistas no exterior e no interior do país era uma preocupação, e isso estimulava a elaboração de modos de resistência, e ingressar em partidos e organizações de esquerda era uma das maneiras mais relevantes. Além dos artistas já citados, Leopoldo Méndez, futuro fundador do TGP, filiou-se ao PCM e passou a articular diversos grupos desde então. Em 1931, ele e seus companheiros Pablo O'Higgins, Siqueiros, Luis Arenal e Juan de la Cabada formam a *Lucha Intelectual Proletaria*, no ano de 1931, que teve uma curta trajetória. Cabe notar que Diego Rivera estava afastado do PCM por apoiar Trotsky.

Em 1933, entrou em cena a *Liga de Escritores y Artistas Revolucionarios* (LEAR) que congregou intelectuais de diversas vertentes do campo de esquerda. A entidade lançou o jornal *Frente a Frente*, em cujas capas por vezes se encontram fotomontagens denunciando líderes fascistas como Hitler e Mussolini. Dois anos após sua fundação, a LEAR deliberou por se alinhar às diretrizes do VI Congresso da Internacional Comunista de 1928, portanto, passou a enfatizar a luta de classes, estratégias revolucionárias e o combate ao fascismo.

No caso mexicano, o fascismo interno era protagonizado pelo grupo de extrema-direita *Alianza Revolucionaria Mexicanista* (ARM) e pelos chamados *Camisas Doradas*, que fazia as vezes de milícia atacando comunistas e trabalhadores, perseguindo e intimidando aqueles considerados inimigos. Dentro da Igreja Católica, também havia uma facção que apoiava Franco, Hitler e Mussolini (CAPLOW, 2007). Nos impressos, as organizações de esquerda denunciavam a situação.

Quanto a ações voltadas especificamente para as artes, a LEAR mantinha em sua estrutura o *Taller-Escuela de Artes Plásticas* (TEAP) proposta por Siqueiros em 1935. O TEAP funcionou como ateliê para os artistas integrantes da LEAR e como escola noturna para o público externo de trabalhadores.

Em meados da década de 1930, Lázaro Cárdenas passou a governar o país com políticas progressistas de modernização econômica e social, de retomada da reforma agrária, de investimento na educação popular, de valorização dos sindicatos, de acolhida aos refugiados e de oposição ao fascismo na Europa e no México. Por tudo isso, a LEAR manifestava seu apoio ao presidente.

Ainda sobre a luta contra o fascismo, vale destacar a participação da LEAR no congresso contra a guerra e o fascismo dos artistas americanos em Nova Iorque, em 1936, fórum da Frente Proletária para a Frente Popular. No ano seguinte, apesar de estar em plena atividade, a LEAR já dava sinais de se desfazer. Foi naquele momento que alguns de seus integrantes decidiram seguir com uma nova organização.

A formação do TGP e a luta antifascista

Em abril de 1937, Leopoldo Méndez, Pablo O'Higgins e Luis Arenal formaram o *Taller de Gráfica Popular*. Uniram-se a eles, Raul Anguiano, Alfredo Zalce, Xavier Guerrero, Chávez Morado, Fernando Pacheco, Ignacio Aguirre, Francisco Dosamantes, Jesús Escobedo, Isidoro O'Campo, Everardo Ramirez, Raúl Gamboa, Antonio Pujol, José Chávez Morado, Gonzalo de la Paz Pérez, Ángel Bracho (CAPLOW, 2007; MUSACCHIO, 2007). As referências estéticas do TGP provieram da arte e da gravura mexicana, em que se destaca José Guadalupe Posada. Aliás, a importância de Posada era tamanha que todo ano o TGP procurava lançar uma publicação de *calaveras*, personagens imortalizados por ele. Os muralistas foram modelos de engajamento e de linguagem visual, sendo a composição mural aplicada mesmo na menor escala da gravura. Os artistas também buscaram inspirações nas artes gráficas internacionais, principalmente, na alemã Käthe Kollwitz e, posteriormente, na gravura revolucionária chinesa.

O TGP aceitava membros das mais variadas vertentes políticas, exceto fascistas. Porém, havia pontos norteadores que eram comuns aos integrantes, ressaltando a valorização dos aspectos nacionais e indigenistas, da organização sindical (de modo geral e da própria classe artística), a luta contra o fascismo e contra o imperialismo. O seu modo de atuação consta em documentos programáticos, como o de março de 1938, em que se determina que: sua produção gráfica seria em benefício do povo mexicana; o método de produção seria coletivo; não se aceitava o fascismo (MUSACCHIO, 2007).

A primeira produção do TGP foi um calendário encomendado pela Universidad Obrera de México, creditado ao TGP e à LEAR. Nas folhas dos meses, veem-se destacadas datas de eventos políticos relacionados à história mexicana, às personalidades de esquerda e a acontecimentos recentes para a época que diziam respeito aos regimes totalitários. Por exemplo, Jesús Bracho ilustrou a folha de março com um retrato de Karl Marx em recordação de sua morte no dia 14. Para julho, Pablo O'Higgins compôs a cena do golpe armado dos generais espanhóis, representados como abutres que investem contra o povo.

Em 1938, o TGP lança o álbum *La España de Franco* (1938), que compunha a coleção *Nuestra Lucha* e continha quinze litografias de Leopoldo Méndez, Xavier Guerrero, Luis Arenal e Raul Anguiano. Somente dezenove exemplares foram impressos. Pode-se supor que o objetivo do TGP não era a difusão massiva, porém marcar uma posição contra o franquismo e alertar sobre as tendências fascistas que se alastravam na Europa. A litografia *Aprende, América ¡El fascismo amenaza a los países americanos!*, de Méndez (Fig.1), pode ser entendida como um aviso da possibilidade de o fascismo atravessar o Atlântico. Verifica-se que a linguagem caricata é empregada, principalmente, na representação dos ditadores e de seus agentes de opressão, dando um tom ridículo e ao mesmo tempo monstruoso a esses personagens. Quando se trata de construir cenas que remetem à situação de sofrimento da população, percebe-se um tratamento mais realista encontrado em

cenas dramáticas que pareceram despertar maior respeito e solenidade do seu autor ao desenhá-las, como no caso de *Se termina con la enseñanza*, na qual se vê um professor morto e seus alunos em frente à escola.

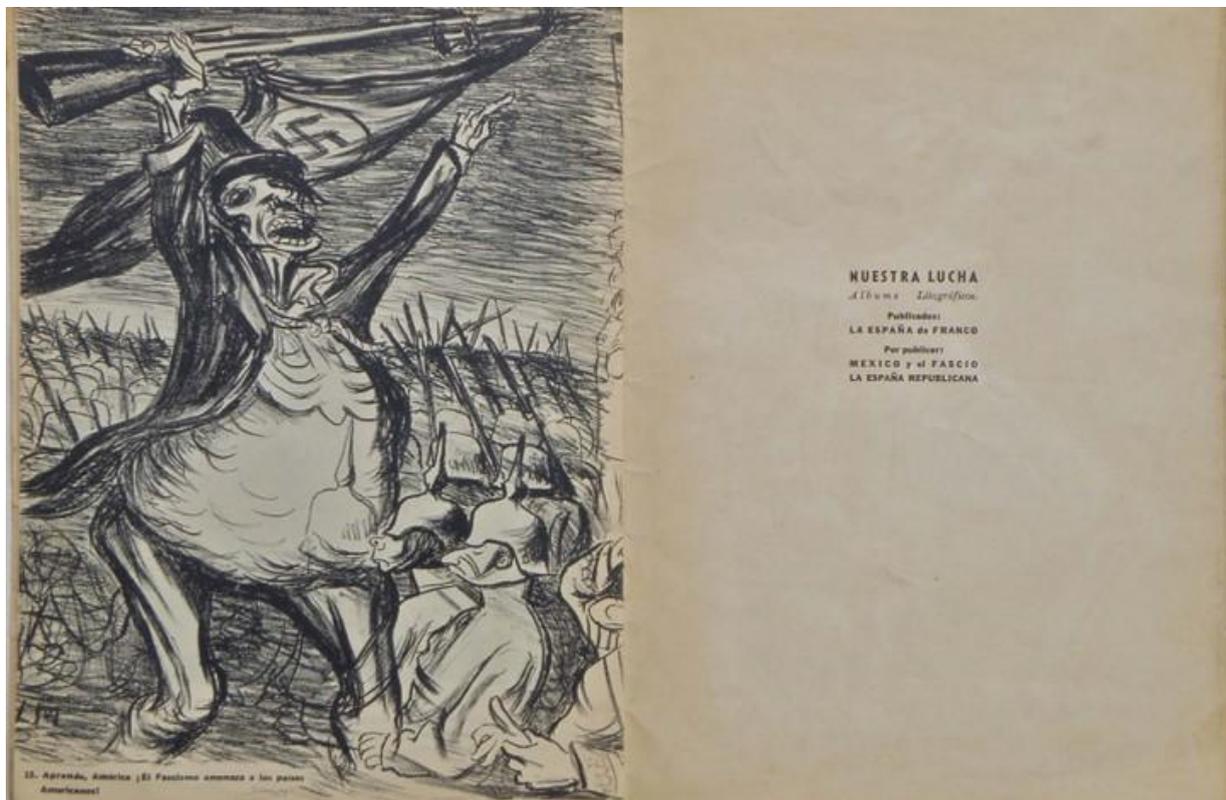


Figura 1. Leopoldo Méndez. Aprende, América El Fascismo amenaza a los países Americanos!. Litografia, 32,5 X 28,8 cm, álbum La España de Franco. Fonte: <https://www.fulltable.com/vts/t/ttf/tgp/franco/l.htm>

Ainda naquele ano, a entidade realizou sua primeira exposição no Sindicato dos Artistas de Chicago, nos Estados Unidos. Durante o outono, o público pôde conferir a mostra de cartazes de temática anti-nazista, no Palácio de Belas Artes, patrocinada pela *Liga Pro-Cultura Alemana*, um grupo formado por alemães exilados no México. É interessante perceber aspectos surrealistas em algumas imagens, a exemplo de *El Imperialismo y La Guerra*, e o cartaz de divulgação da conferência sobre o nazismo, ambos de Leopoldo Méndez (Fig. 2). Embora um dos maiores nomes do surrealismo fosse adepto do trotskismo, André Breton, que estava no país para se encontrar com Trotsky e Rivera, a tendência impactou na produção de artistas mexicanos de outras correntes de esquerda, incluindo stalinistas.



Figura 2. Leopoldo Méndez, *El Imperialismo y La Guerra*, 1938. Litografia, 24,77 X 19,69 cm

Em 1939, o TGP lançou uma série cujo tema era o extremismo interno. Nas décadas de 1920 e 1930, ocorreu a chamada rebelião dos Cristeros. Cristãos radicais se revoltaram, apoiados pelas camadas conservadora da Igreja Católica, contra o anticlericalismo do governo Calles. Assim que Cárdenas subiu à presidência, os professores das escolas rurais socialistas viraram alvo da fúria dos revoltosos. Leopoldo Méndez, impressionado pela violência das ações contra os *maestros*, produziu linóleos e litografias denunciando as barbáries que eram cometidas no interior do país. Associado ao Ministério da Educação, sete litografias acerca de assassinatos de professores foram reunidas no portfólio *En Nombre de Cristo... han asesinado mas de 200 maestros* (1939) lançado pelo Editorial Gráfica Popular. Na publicação, encontram-se um pequeno texto sobre o fato e a imagem correspondente.

Ainda nos anos 1930, exilado e ex-diretor da Bauhaus, Hannes Meyer, chegou ao México. Já em 1942, Meyer tornou-se uma espécie de gerente administrativo do TGP, e passou a coordenar, junto com George Stibi, a recém-criada editora da entidade, *La Estampa Mexicana*. Seu lançamento inaugural foi um portfólio de trabalhos de José Guadalupe Posada.

Hannes Meyer foi responsável pelo projeto do livro *El Libro Negro del Terror Nazi en Europa*, em parceria com a associação *Alemania Libre*, de exilados europeus, que tinham a experiência em impressos e mantinham seu próprio jornal

El Libro Libre. Essa foi a obra mais significativa em termos de visibilidade e de conteúdo contra o nazismo com que se envolveu o TGP. O livro foi publicado pelo Editorial El Libro Libre, em 1943, e patrocinado pelo presidente do México, Manuel Avila Camacho; pelo presidente do Peru, Manuel Prado; e pelo presidente da então Tchecoslováquia, Eduardo Benes, que teve de sair do país após a invasão nazista, em 1938.

Vinte e quatro artistas visuais e cinquenta e seis escritores colaboraram com a publicação que contou com trinta e dois trabalhos de membros do TGP. Entre os autores das ilustrações, pode-se citar o cartunista político soviético Boris Yefimov; o trio de artistas gráficos soviéticos Kukyinyksy, formado por Mikhail Kupriyanov, Porfiry Krylov e Nikolay Sokolov; Käthe Kollwitz, Ignacio Aguirre, Ángel Bracho, Leopoldo Méndez, Pablo O'Higgins, Alfredo Zalce e o próprio Hannes Meyer.

A principal motivação do projeto foi denunciar as ideias falsas propagadas pela Alemanha de Hitler e as atrocidades que eram cometidas. No livro, encontram-se as reproduções de 164 fotografias e 50 desenhos, selecionados por Hannes Meyer, e artigos escritos por Thomas Mann (escritor alemão), Andre Simone (escritor tchecoslovaco), Ernst Bloch (filósofo alemão), Walter Janka (comandante do Exército Popular da República Espanhola), Ana Seghers (escritora alemã), Lydia Lambert (jornalista francesa), entre outros. Os textos trazem percepções do que se passava na Europa naquele momento, as arbitrariedades do regime nazista, a invasão dos países e o pesar das pessoas.

No início da década de 1940, começaram a circular as notícias dos extermínios e do uso de câmaras de gás. Os refugiados na América obtinham fotografias e testemunhos sobre o que acontecia através de parentes e conhecidos que ficaram no Velho Continente. É possível que as fotografias, as gravuras e os desenhos desse livro tenham sido as primeiras imagens amplamente divulgadas dos campos de concentração e do Holocausto, pois registros desse tipo dificilmente saíam da Alemanha (CAPLOW, 2007). São vários registros fotográficos das vítimas dos nazistas e dos campos de concentração, como também do Gueto de Varsóvia, onde judeus ficaram confinados sujeitos à fome e a enfermidades, sendo muitos deles enviados a Treblinka, para o trabalho forçado ou para a morte.

Em 1942, o Bund (União Geral Operária Judaica da Lituânia, Polónia e Rússia) lançou um relatório sobre as deportações em massa e os extermínios. O Vaticano também lançara um comunicado denunciando a "solução final" (CAPLOW, 2007). As notícias das prisões de judeus, comunistas, católicos, ciganos, enfim, daqueles considerados inimigos do regime nazista, chegavam às Américas.

El Libro Negro del Terror Nazi en Europa traz a seguinte dedicatória: "a todos los que murieron; a todos los que están luchando". Uma ilustração do artista flamengo Frans Masereel a acompanha, na qual se vê um esqueleto erguendo uma bandeira, guiando a multidão (Fig. 3).

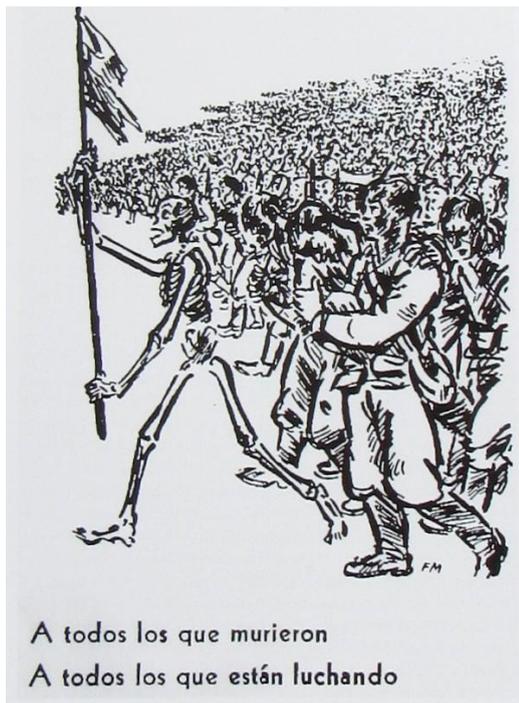


Figura 3. Frans Masereel. 1943. Ilustração de El Libro Negro del Terror Nazi en Europa. Fonte: LEAL et al., 1943.

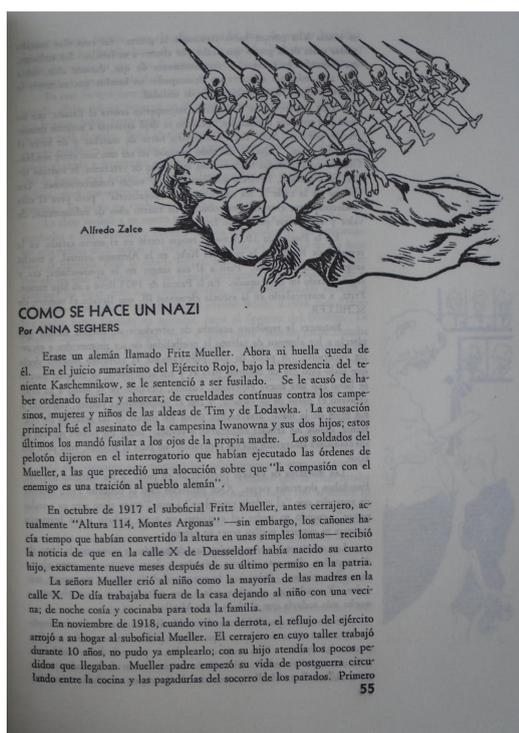


Figura 4. Alfredo Zalce. Ilustração de El Libro Negro del Terror Nazi en Europa. Fonte: LEAL et al., 1943, p.55

Quanto aos trabalhos de artistas do TGP, há alguns inéditos e outros são reproduções de imagens usadas, por exemplo, nos cartazes da Liga Pro-Cultura Alemana, que é o caso de desenho do desenho do Alfredo Zalce que ilustra o texto *Como se hace un nazi*, de Anna Seghers (Fig. 4). O artista desenhou uma mulher deitada que olha angustiada um pelotão de figuras portando máscaras de gás e

espingardas com baionetas. Ao seu lado, ela mantém uma criança sob o lençol. Anna Seghers tratou do caso de Fritz Mueller, um oficial alemão responsável pela execução cruel de aldeões. Entre seus crimes, destacou-se o caso da camponesa Iwanowna, que foi obrigada a assistir ao fuzilamento de seus dois filhos ante de morrer. Em 1938, a imagem foi estampada no cartaz da conferência sobre a mulher na sociedade nazista.

A perseguição, o assassinato e o projeto de extermínio dos judeus foram tema do ensaio do Dr. Leon Weiss e da gravura de Leopoldo Méndez. O ódio totalmente injustificado do regime nazista à minoria da população de origem hebraica chocou o autor e motivou o artista a representar a desoladora deportação de inúmeras pessoas em direção aos campos de concentração. Méndez produziu essa obra em linóleo um ano antes da publicação do livro (Fig.5). Na cena, veem-se homens e mulheres abarrotados em um vagão, vigiados por um soldado alemão, que encontram-se visivelmente abatidos. No chão, um deles está deitado, provavelmente, doente e sem forças, dando a crer que não chegaria vivo a seu destino, o que, de fato, acontecia, devido às péssimas condições de transporte, aos maus-tratos e por, em várias ocasiões, as pessoas já estarem bastante debilitadas quando capturadas e levadas aos campos.

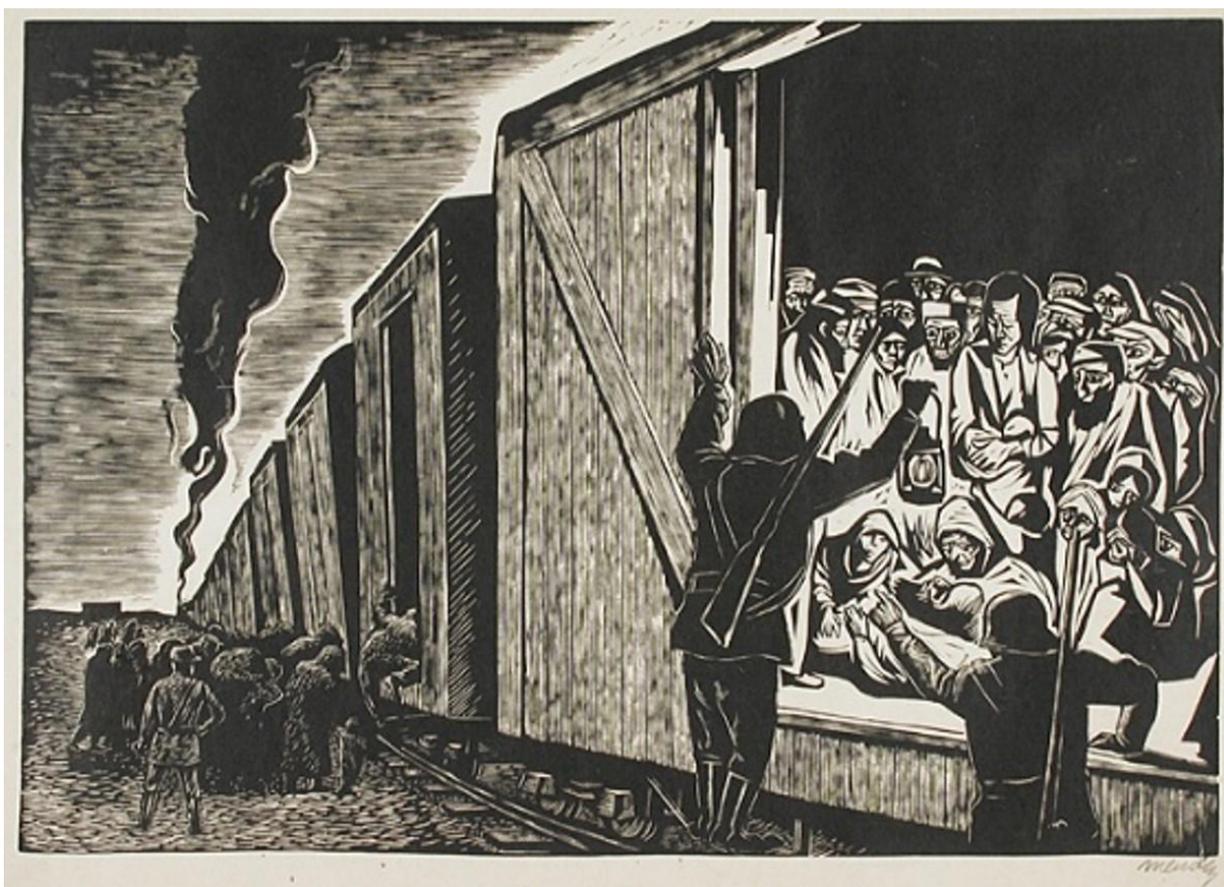


Figura 5. Leopoldo Méndez, *Deportación de la muerte*, 1942. Linoleogravura, 47,63 x 66,04 cm. Los Angeles County Museum of Art (LACMA). Fonte: <http://collections.lacma.org/node/207472>

Outra obra resgatada de impressos anteriores foi “A tomada de Madri em novembro de 1936”, de Leopoldo Méndez, que originalmente foi publicada no álbum *La España de Franco* de 1938. Em *El Libro Negro*, a reprodução da litografia acompanha o texto do militante comunista espanhol Antonio Mije, intitulado *El nazismo y España*. Mije trata das ligações dos fascistas espanhóis – franquistas, falangistas – com nazistas alemães.

O término da Segunda Guerra Mundial não significou o fim da extrema-direita e da propagação do fascismo. Hitler fora derrotado, mas Franco permaneceu no poder. Os grupos de simpatizantes a ideologias autoritárias na Europa e no resto do mundo tampouco se extinguiram. A luta contra o fascismo prosseguiu na pauta do TGP. Emergiram novas frentes a se somar – o combate ao imperialismo e as campanhas pela paz. O Movimento dos Partidários da Paz era de âmbito internacional, agregava vertentes diversificadas, mas os comunistas eram seus principais organizadores. O envolvimento de intelectuais e artistas com o Movimento merece um trabalho à parte.

Considerações Finais

O TGP nasceu de uma vontade expressa de serviço à classe trabalhadora, com posicionamentos antifascista, anti-imperialista, a favor das causas populares e próximo ao socialismo, como bem apontou o pesquisador e jornalista Humberto Musacchio (2007). A importância da entidade e de suas ações sociais, manifesta em sua produção artística, não se restringiu ao México, ecoando por diversos países. Criaram-se oficinas de gravura seguindo seu exemplo nos Estados Unidos, Uruguai, Brasil, entre outros países.

O TGP foi o modelo declarado para os clubes de gravura brasileiros dos anos 1950. Os fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre, Carlos Scliar e Vasco Prado, tinham no TGP sua maior inspiração de entidade voltada ao trabalho artístico coletivo, comprometida em desenvolver o gosto e a formação em arte, e engajada em causas sociais, políticas e nacionais.

É possível constatar que a luta dos artistas do TGP contra o fascismo, contra o imperialismo, a favor da paz e do povo mexicano repercutiu em vários cenários e em várias regiões. Entusiasmou artistas em sua militância e difundiu uma linguagem visual que buscava ser eficiente em transmitir sua mensagem. Tratou-se da combinação do compromisso político com o compromisso profissional com a arte.

Referências

CAPLOW, Deborah. Leopoldo Méndez: revolutionary art and the Mexican print. Austin: University of Texas Press, 2007.

LEAL, Antonio Castro et al. El Libro Negro del Terror Nazi en Europa. Mexico: El Libro Libre, 1943. Disponível em:
<https://ia800301.us.archive.org/17/items/ELibroNegroDelTerrorNaziEnEuropa/ELibroNegroDelTerrorNaziEnEuropa.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.

La España de Franco. México D.F.: Taller de Gráfica Popular, 1938.

MUSACCHIO, Humberto. El Taller de Gráfica Popular. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2007.

Como citar:

DUARTE DUPRAT, Andréia Carolina. A luta contra o nazifascismo pelo taller de gráfica popular. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 834-844. 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.066>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>